

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB

CENTRO DE HUMANIDADES - CH

- RELATÓRIO FINAL -

PROJETO:

*A MULHER E O TRABALHO NO  
SEMI-ÁRIDO RURAL PARAIBANO*

PROGRAMA: PIBIC / UFPB

BOLSISTA/PIBIC: *Luiza Isabel Cavalcanti Ramos*

ORIENTADORA: *Dra. Norma Montalvo de Soter*

*Campina Grande, Agosto 1996*



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

## ÍNDICE

- Introdução .....	- 02
- Capítulo I - O Semi-Árido.....	- 08
- Capítulo II - Trabalho da Mulher Rural em Áreas de Seca.....	- 10
2.1 - A participação da Mulher Rural na Diversas Atividades Ocupacionais.....	- 10
2.2 - A Questão do Desemprego.....	- 15
- Capítulo III - O Perfil da Mulher Rural Nova Palmeirense.....	- 16
- Considerações Finais.....	- 21
- Bibliografia.....	- 23

## APRESENTAÇÃO:

A presente pesquisa se integra dentro de uma proposta mais ampla intitulada "Seca, e Degradação sócio-ambiental no Semi-Árido Paraibano", apresentada pela Dra. Norma Montalvo de Soler em Agosto/95, na ocasião da indicação do meu nome como candidata a bolsa PIBIC.

A parte pela qual sou responsável como Bolsista PIBIC é a pesquisa de um tema específico: **A Mulher e o Trabalho no Semi-Árido Rural Paraibano**, tomando como universo amostral 42 mulheres de quatro comunidades rurais (Passagem, Porteiras, Serra Baixa e Abreu) do Município de Nova Palmeira, na Micro Região do Seridó Oriental.

Nas áreas de risco às secas como a do Município de Nova Palmeira, a vulnerabilidade do segmento populacional trabalhador é maior que a dos outros segmentos populacionais e, nas comunidades rurais, a vulnerabilidade das mulheres e crianças é mais acentuada. Esta pesquisa tenta traçar o perfil da mulher trabalhadora rural Nova Palmeirense no semi-árido paraibano, pesquisando a natureza de seu trabalho, a especificidade de seu papel na família e na sociedade, e o processo de seu "auto-fazer-se", utilizando como recurso analítico o aspecto do **trabalho**.

A meta de nossa pesquisa é que o resgate das situações de exercício concreto das práticas da mulher, que permite identificar suas vulnerabilidades e suas capacidades, pode ser de utilidade para programas futuros de recuperação social e prevenção de risco ao desastre da seca nas comunidades rurais no município locus do presente estudo.

## **SUB-PROJETO DE PESQUISA: *A Mulher e o Trabalho Rural no Semi-Árido Paraibano.***

### **INTRODUÇÃO**

O tema da mulher como objeto de estudo tem sido ao longo dos tempos muito abordado por autores das mais variadas áreas do conhecimento. No entanto, continua sendo um tema complexo e sempre renovado em sociedades em constante transformação.

Em nossa sociedade existem certas formas de pensar e de ser com respeito a ser homem ou mulher, idéias que, em certo grau, determinam o comportamento exigido ou esperado do indivíduo na sociedade. No entanto, o ser da mulher, da mesma forma que o do homem, tem se definido historicamente por seu FAZER, isto é, por seu trabalho; pela forma como se constitui a realidade humana dentro de si mesma. A história social dos homens e das mulheres é, em grande medida, a história de seu desenvolvimento individual nos mais diversos espaços de sua participação social, sejam ou não conscientes disto.

Neste entendimento, a presente pesquisa focaliza o tema "A mulher e o trabalho" e através dele **traça o perfil da mulher trabalhadora da área rural do semi-árido paraibano.** Isto é, se **pesquisa a natureza de seu trabalho, a especificidade de seu papel na família, na sociedade e o processo de seu "auto-fazer-se".**

Regata-se a trajetória social de nosso objeto de estudo, tomando como campo empírico uma amostra constituída por mulheres trabalhadoras de quatro comunidades rurais do

estudo específico do trabalho em todas suas formas e manifestações. Ao trabalho nesse sentido é que fazemos referência quando falamos do "FAZER" e do "FAZER-SE" da mulher na área rural do semi-árido.

Mesmo que socialmente o trabalho da mulher seja considerado de natureza secundária, o quadro teórico de nossa pesquisa se alinha ao de autores como Kergart (1987)<sup>(1)</sup>, que considera a mulher não desprovida de qualificação, mas socializada, no âmbito da família e por estereótipos sociais sobre gênero para determinadas ocupações e processos de trabalho.

Consideramos também importante a abordagem de autores que ressaltam as práticas individuais das mulheres que se realizam em contato com outras pessoas e em espaços coletivos de participação social, os quais parecem ir destruindo esses mitos de incapacidade feminina e jogando fora o estigma de sua "natureza secundária" que não é outra coisa que condicionamento social. A mulher ao diversificar e modificar seu "que fazer", parece modificar-se em seu pensar, no seu modo de ser, particularmente quando participa de experiências coletivas de organização, de lutas sociais, descobrindo o desabrochar de suas potencialidades e o exercício do seu poder molecular de classe.

Em base a estas considerações, o marco teórico da condição da mulher trabalhadora reporta-se ao trabalho diferenciado pelas relações de gênero, entendido (Barbiere, 1993) **Gênero, como categoria que dá espaço na busca do sentido do comportamento dos homens e mulheres como seres socialmente sexuados**. Nesta perspectiva, não existe a mulher, nem o homem. Existem mulheres e homens em situações

---

<sup>(1)</sup> CASTRO, Mary Garcia. O conceito de gênero e a análise sobre mulher e trabalho: Primeiras Notas sobre Impasses Teóricos. Pag. 03 ano 1992 (mineo).

diferentes, tanto sociais quanto culturais. Daí a necessidade de estudar os âmbitos sociais onde interatuam as pessoas, em função e gênero distintos, com espaço e predomínio exclusivos. Mas este estudo só baseado nas relações de gênero não basta, pois é necessário também ver "os espaços de conflito, as zonas obscuras e os limites de sociabilidade, ver também os espaços controlados de poder".<sup>(2)</sup>

Daí a necessidade no estudo da mulher, de reportar-se ao trabalho diferenciado pelas relações de gênero e pelas relações de classe, muito mais quando como no caso desta pesquisa, o objeto de estudo são as mulheres pequenas produtoras um segmento da classe trabalhadora. Ainda quando o sexo é uma dimensão comum, e por conseguinte esteja presente em todas as classes sociais, as especificidades de sua manipulação social varia segundo a classe a que a mulher pertença. Discutir só a divisão sexual do trabalho, circulando por símbolos e representações sem dar conta ao mesmo tempo da divisão social do trabalho não nos conduziria a desvendar a reprodução das desigualdades. É precisamente no âmbito desta dupla relação em que pode ser compreendida a divisão sexual do trabalho, tal como evolui no interior da família e depois no processo social do trabalho.

Nestes termos, **a preocupação primordial de nosso estudo, foi resgatar o significado da prática da mulher trabalhadora rural** no universo mais amplo da rede de relações e de poderes. Para isto, exploramos, por uma parte, a articulação existente entre **família e trabalho feminino**, buscando combinar a dimensão interna destas instâncias como momento explícito do processo contraditório, presente na sociedade capitalista brasileira da qual é parte constituinte. Por

---

<sup>(2)</sup> BARBIERE, Tercita de. Sobre la categoria de Genero: Una introducción Teórico- Metodológico. Debates en Sociologia nº 18 1993.

outra parte, abordamos a participação da mulher nos mais diversos espaços sociais (organizações, associações, movimentos sociais, etc), **a fim de resgatar situações de exercício concreto de suas práticas nesses processos de ação coletiva, nos quais se forma e se transforma.**

Seguir a trilha das experiências do cotidiano é interpretar a razão de ser e o significado desta caminhada é fundamental para traçar **o perfil atual da mulher trabalhadora sertaneja, a natureza do trabalho que realiza e o que isto significa para uma comunidade que se localiza em área de risco ao desastre de seca.**

Como exposto na problematização deste trabalho, estamos estudando a mulher trabalhadora rural considerada **categoria** mais vulnerável na região semi-árida. Ser vulnerável a um fenômeno natural e/ou produzido pela ação do homem (a seca), é sofrer danos ou ter dificuldades causadas por essa ameaça. Assim, temos neste estudo mais um referencial importante na análise da condição da mulher trabalhadora sertaneja: a questão do meio ambiente, onde se situa nosso objeto empírico. Nestes termos, **ao abordar as limitações da mulher trabalhadora, tivemos que relacioná-las com as condições limitantes de seu entorno sócio-ambiental, para avaliar até que ponto essas condições afetam ou fortalecem suas condições de trabalho.**

Finalmente, precisamos deixar registrado a forma como se operacionalizou esta pesquisa.

Nossa pesquisa foi operacionalizada em base a dados secundários e primários.

De início, fizemos uma leitura bibliográfica da produção de autores que direta ou indiretamente trabalharam em torno da problemática feminina na sociedade capitalista. Assim, obtivemos dados teóricos-metodológicos e de conteúdo sobre a



problemática em estudo. Igualmente levantamos dados sobre a questão sócio-ambiental da região semi-árida nordestina, isto é, sobre a seca como ameaça constante e, eventualmente, como risco a desastre.

Em seguida, fizemos a pesquisa de campo. Tomando como universo amostral as mulheres maiores de 15 anos, de quatro comunidades rurais, totalizando 42 mulheres distribuídas na seguinte forma: Porteira - 15 mulheres, Passagem - 13 mulheres, Serra Baixa - 06 mulheres e Abreu - 08 mulheres, todas no município de Nova Palmeira, micro-região do Seridó Oriental. Realizamos o levantamento de dados, em base, à técnica de entrevista individual e coletiva (grupos de 6 a 12 mulheres) complementada com a observação participante. Também aproveitamos ocasiões de realização de reuniões coletivas de celebração do evangelho nas comunidades acima mencionadas. Todas as entrevistas foram gravadas, sendo que 38 transcrições se encontram no Anexo I do Relatório Parcial apresentado em março/96.

Para viabilizar estas entrevistas, se usou dois roteiros, um incluindo os aspectos gerais relativos ao estudo da mulher, onde constaram: a identificação da entrevistada, aspectos demográficos, sócio-econômicos, educação, saúde, trabalho e participação sócio-política, e outro incluindo aspectos que aprofundaram o tema da presente pesquisa, isto é, a mulher e o trabalho em área de seca.

Este relatório apresenta três capítulos. O primeiro trata sobre o Semi-Árido, o segundo sobre o trabalho da Mulher Rural em Áreas de Seca, especificando a participação da mesma nas diversas atividades ocupacionais e a questão do Desemprego. O terceiro e último capítulo aborda o Perfil da Mulher Rural Nova Palmeirense.

desenvolvimento a grande massas populacionais urbanas rurais. As condições de vida e de trabalho de pequenos produtores agrícolas e dos trabalhadores em geral são e expressão mais concreta desta situação que leva a fração significativa deles a níveis de pobreza e indigência.

A ameaça da seca no Semi-Árido é uma constante. Mesmo que a população tenham concebido a situação como "cotidiana", a estiagem prolongada é vista como risco a desastre que quando ocorre deixa-a cada vez mais vulnerável. Portanto, não é a toa que o Nordeste detem os índices mais altos de indigência e pobreza já registrados na história do Brasil.

## CAPÍTULO II

### O TRABALHO DA MULHER RURAL EM ÁREAS DE SECA

#### 2.1 - A PARTICIPAÇÃO DA MULHER RURAL NA DIVERSAS ATIVIDADES OCUPACIONAIS.

Partindo do pressuposto que todo Projeto de Desenvolvimento, Programa de Ação ou atividade existente em áreas de seca não pode estar desvinculada das condições sócio-ambientais específicas da região do semi-árido, a presente pesquisa sobre *O Trabalho da Mulher Rural* num dos municípios do Curimataú Paraibano se situa no quadro das limitações impostas por este contexto.

Como tem acontecido nas áreas rurais de diversos países de 3º Mundo, as mulheres têm uma sobrecarga enorme de trabalho se comparada com a dos homens no mesmo setor, apesar de que grande parte deste trabalho torna-se invisível por sua condição específica de gênero. Isto também ocorre na região semi-árida, locus de nosso estudo. Nesta área, por diversas razões, o trabalho doméstico é invisível, o trabalho na roça é parcialmente visível e o trabalho assalariado é o único considerado como atividade econômica. Ante esta dificuldade, tanto as próprias mulheres como a comunidade consideram que os homens são os que realizam trabalhos propriamente ditos, e que os trabalhos economicamente visíveis das mulheres entram como complemento dentro do orçamento familiar. Quer dizer que

o trabalho das mulheres é considerado tendencialmente doméstico, já que são identificadas como donas de casa ou economicamente inativas, mesmo reconhecendo elas próprias que trabalham tanto ou mais que os homens.

Este posicionamento social procede também de padrões culturais, que foram estabelecendo uma divisão sexual de trabalho, segundo a qual, às mulheres correspondem as responsabilidades do trabalho doméstico e aos homens o desempenho das atividades propriamente econômicas. Isto fica contrastante quando observamos que nas comunidades do nosso estudo, são as mulheres que desempenham regularmente atividades consideradas públicas. O fato é que em áreas de seca, devido a sucessivas estiagens prolongadas que provocam situações emergenciais desastrosas, as famílias ficam ao longo do tempo cada vez mais empobrecidas e sempre tendo que recomeçar do zero, nunca chegando a recuperar-se. Isto obriga que as famílias pequeno produtoras sejam semi-proletárias. As pequenas áreas que constituem suas roças familiares são insuficientes, ao ponto que mesmo em tempo de chuva os alimentos produzidos (feijão, milho, jerimum, batata doce) para sua sobrevivência, no máximo chegam a cobrir até o consumo de até quatro meses após a colheita. Tal realidade explica porque os homens da família (os pequenos produtores) buscam trabalhos desde a adolescência como assalariados, fora da parcela familiar.

Nestes contatos, é a mulher que tem a oportunidade de ter maior escolaridade que o homem, sendo que o nível de educação não ultrapassa o primeiro grau. Isto por sua vez explica porque são as mulheres as que ocupam todas as

escassas vagas existentes no trabalho público tais como: professora, merendeira e servente.

Pelas mesmas razões de extrema necessidade de dar conta da sobrevivência familiar, ano a ano se incrementa a participação das mulheres no mercado de trabalho. É conveniente salientar que são as mulheres casadas as que regularmente saem a assalariar-se, o que indica que não é a flexibilização da divisão do trabalho que força esta participação, mas a pobreza absoluta que impera nesse meio. Isto não impede que os trabalhos do lar e da família continuem sendo da responsabilidade das mulheres, independentemente de participar ou não no mercado de trabalho.

Certamente está taxa de participação é bem menor que a dos homens, que possivelmente devem abarcar mais ou menos 85% dos que estão em idade de trabalho. É possível que por estas razões, e por serem remunerados com salários mais baixos, o trabalho das mulheres sempre seja considerado como secundário.

Apesar da mini-valorização do trabalho feminino, a mulher realiza as mesmas atividades que os homens, tanto nas atividades agrícolas como nas do garimpo.

As mulheres ocupadas em trabalhos assalariados têm menos oportunidade de acesso aos empregos que os homens, sendo que certas atividades como a pecuária são exclusivamente masculinas. Em tempo de estiagens prolongadas, quando a oferta de emprego é mínima, a mulher não tem vez.

A participação econômica (remunerada) feminina por idade apresenta diferenças marcantes com respeito a masculina. As mulheres se incorporam muito mais tarde ao mercado de trabalho que os homens. Enquanto os homens iniciam sua participação no mercado de trabalho aos treze anos de idade, as mulheres se iniciam em serviços domésticos mais ou menos aos quinze e/ou dezesseis anos de idade, em troca de vestuário e alimentação (refeições). Mas, em trabalhos remunerados no setor agrícola, garimpo etc., só quando casadas, haja visto a exigüidade da renda familiar para a sobrevivência. Igualmente, o descenso da participação feminina ocorre mais cedo que a dos homens, comumente a partir dos 40 anos de idade. Em grande medida isto está relacionado com a escassez de vagas no mercado de trabalho. É importante também ressaltar que nem por isso a atividade feminina global decresce, pois a mulher continua trabalhando nas atividades domésticas e na roça familiar até mais ou menos 60 anos de idade. E notável que muitos homens continuam ativos no trabalho agrícola até os 70 ou 75 anos.

A composição das atividades femininas diferem consideravelmente das dos homens, sendo que as atividades femininas são mais diversificadas que as masculinas. As ocupações femininas têm uma distribuição aproximada, em 45% do tempo total nos serviços domésticos do lar, 20% no trabalho da roça familiar (ajudada por filhos menores de idade), 20% nas atividades econômicas assalariadas fora do lar e 15% nas atividades de pequena criação de animais na parcela familiar.

Por sua parte, os homens apresentam uma proporção maior de atividade assalariado, cerca de 80% do tempo total, complementado com atividades na roça familiar. Regularmente,

quando se iniciam as chuvas, muitos deles interrompem suas atividades assalariadas fora do lar, para reforçar a fase da broca e do plantio em suas parcelas familiares. Deve salientar-se que as atividades assalariadas dos homens realizam-se nos ramos agrícola, pecuário e garimpagem, e como trabalhadores por conta própria alguns deles ocupam-se em atividades temporárias de compra e venda de animais (gado, ovelhas e caprinos), ocupando em média de 5% do tempo total. Igualmente, o trabalho por conta própria das mulheres é proporcionalmente pequeno alcançando 10% do tempo total e é restrito à produção de olaria e confecção de vassouras e espanadores, que são comercializados pelas próprias mulheres. A renda produzida é conduzida pelas mesmas.

A pequena criação de animais na parcela familiar é ocupação das mulheres. A venda desses produtos constituem praticamente a reserva de poupança da família, orientada para as despesas não alimentares tais como: vestuário, utensílios domésticos, saúde, despesas escolares e outros imprevistos. O comércio desta pequena criação é feito regularmente pelo homem, mas os recursos são na maioria dos casos, administrados pela mulher. Não acontecendo o mesmo com o produto do salário da mulher e do homem, que são administrados por ele para as despesas da feira familiar semanal.

## 2.2 - A QUESTÃO DO DESEMPREGO

Em áreas de seca, mesmo em épocas de chuva (inverno), o trabalho assalariado na agricultura oferece sempre uma oferta menor que a demanda. As dificuldades aumentam em fases de seca verde e nos períodos de estiagens prolongada, o emprego quase que desaparece na área. Por estas razões, os homens têm que sair para áreas mais distantes, e até fora do estado e/ou do Nordeste, em busca de trabalho. Neste quadro, o desemprego feminino tem sido sempre superior ao masculino, aumentando quase que bruscamente no período de estiagem prolongada.

Precisamente, esta situação dá a impressão de que o trabalho feminino é pouco significativo se comparado com o masculino, apesar de que o conjunto das atividades realizadas pela mulher são relativamente mais sobrecarregadas que as dos homens, situação que é reconhecida até por eles.



## CAPÍTULO III

### O PERFIL DA MULHER RURAL NOVA PALMEIRENSE

Como observamos no capítulo anterior, as ocupações dos homens e das mulheres são interdependentes e complementares, sendo a família a unidade fundamental para assegurar a reprodução familiar.

Numa região sempre ameaçada pela seca, num contexto de pobreza e permanente emergência social, homens e mulheres caminham unidos para dar respostas às necessidades constantes da sobrevivência familiar.

Esta situação de vulnerabilidade profunda nas famílias, que resulta em ausência contínua dos homens e permanência quase que constante da mulher na comunidade, faz com que haja uma participação maior destas nas organizações associativas e sindicatos na comunidade. Pode assegurar-se com certeza que são as mulheres as que têm a oportunidade de estarem melhor informadas sobre os acontecimentos que ocorrem no município.

Até a década de 70, a restrição do voto de analfabetos e as limitações impostas pelo poder instituído podem levar a pensar que se limitou a incorporação maciça da mulher como votante. Contudo, o forte apoio da igreja nas organizações de base parece fazer desta década uma fase de transição a uma participação mais ativa das mulheres nos movimentos sociais e organizacionais. Hoje, a atuação da

mulher é aberta e mais participativa até nos processos eleitorais. Contudo, nada indica, salvo excessões, que a mulher esteja vinculada a partidos políticos. O nível de pobreza é de tal magnitude e as necessidades cotidianas de atenção médica, serviços de transportes e outros apoios que dependem diretamente da prefeitura, fazem com que o(a) votante da área rural, apesar de sua atitude progressista, paradoxalmente sempre seja eleitor(a) do candidato da situação.

A mulher rural ainda não teve acesso, a ser representante direto na câmara municipal, contudo nas reivindicações de caráter coletivo que sustentam vereadores da oposição, o apoio das mulheres rurais é significativo, tanto a nível como público assistente às sessões como nos atos públicos e abaixo-assinados, que se organizam como forma de pressão nas decisões da Câmara. Igualmente participam ativamente nas reivindicações do povo, tanto do município quanto da região do Curimatáu. Uma expressão desta prática, deu-se no caso de problemas que surgiram com o Conselho Municipal de Saúde, quando a prefeitura entrou seu funcionamento e cumprimento das funções para as quais foi criado. Praticamente líderes rurais são as que conjuntamente com outras mulheres líderes da área urbanas que dinamizam outros grupos do município e da região do Curimatáu em assuntos - problemas comuns.

A história de organização e participação das mulheres da área rural na política e nos movimentos sociais organizados em Nova Palmeira é expressiva quando se observam a atuação efetiva a nível das diversas organizações e associações existentes no município, além da participação em encontros de tipo sindical e religioso (pastoral da igreja)

realizados na região do Curimataú e outras áreas do estado da Paraíba:

As denominadas celebrações, realizadas nas próprias comunidades rurais com assistência de famílias completas (homens, mulheres e filhos), são organizadas diretamente por mulheres que exercem certa liderança neste espaço. Estas reuniões não são simplesmente momento de oração, mas também espaços de reflexões críticas. É notável que nestas reuniões, os comentários do Evangelho, sempre realizados por mulheres, levantam problemas de sua realidade concreta e os direitos que o povo tem.

Nos sindicatos dos trabalhadores rurais, a participação da mulher foi restringida até a primeira parte da década de 80. Foi precisamente a atuação da mulher rural que promoveu mudanças na organização sindical, fazendo-a mais atuante e permitindo a sua sindicalização (participação), não só como membro mais inclusive como parte integrante da diretoria do sindicato.

Nas organizações participativas não rurais tais como: o Sindicato dos Servidores Municipais, Associação de Idosos, Associação para Desenvolvimento Comunitário, o CENEP (Centro de Educação Popular), a participação das mulheres não é só majoritária, como também ocupam cargos da diretoria, sendo notável a presença e o apoio efetivo da mulher rural.

Na Associação das Mulheres do Curimataú, com sede no município vizinho de Picuí, a participação da mulher rural de Nova Palmeira é predominante não pelo número mas pela influência que tem nas ações organizacionais e decisórias.

Observa-se que neste espaço a participação da mulher rural é mais efetiva que a da mulher urbana.

Como organismo de promoção da mulher, existe uma associação denominada "Mulheres para a Vida", com sede em Nova Palmeira, que é constituída por uma fração de discidentes da Associação das Mulheres do Curimataú. Esta associação é de cunho popular mas apoiada pela prefeitura e está constituída majoritariamente por mulheres da área urbana. Alias, várias das associações foram criadas por influência da Prefeitura, possivelmente com fins eleitoreiros, tais como: Associações de Idosos (Renascer) e Associação de Jovens, além da acima mencionada.

Tomando em consideração as relações entre homem e mulher na família, estas não são igualitárias mas solidárias. Observa-se uma série de situações que espelham a co-participação da mulher nas grandes decisões que se concretizam a nível da família. Tais como:

- Com relação ao trabalho masculino fora do lar, é considerado natural que o homem saia para trabalhar a qualquer distância. Ao contrário, o emprego feminino fora do lar é decidido por ambos.
- Quando se trata de adquirir um bem patrimonial para a família, a mulher tem direito a voz, mas a decisão final é do homem. Mas quando se trata da venda do patrimônio este só se efetiva com a anuência de ambos.
- Quando se trata de esterelizar a capacidade reprodutiva da mulher, esta decide sua

concretização e em nenhum caso conhecido o homem se posicionou contra.

- Quando se trata da educação e cuidado da saúde dos filhos, é a mulher a responsável direta, sem que isto signifique a perda da autoridade paterna no lar.
- A representação da sociedade conjugal compete ao homem, mesmo que a administração da mesma corresponda por igual ao homem e a mulher, assim como os direitos e deveres para com os filhos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. As limitações impostas pelo meio ambiente físico e social fragilizam socialmente, economicamente, politicamente culturalmente comunidades e segmentos populacionais localizadas em áreas de risco a seca.
2. Os impactos de sucessivas ameaças de seca e eventuais ocorrências de calamidade da seca incapacitam aos segmentos populacionais mais vulneráveis como são os trabalhadores rurais em absorver, mediante o auto-ajuste adequado a sua recuperação.
3. Contudo, diversas estratégias de instável convivência com esse ambiente de permanente emergência social existem no meio rural, locus de nosso estudo.
4. Neste processo o papel da mulher trabalhadora rural é de muito significado. Há diversas manifestações de como esta categoria, particularmente através das mulheres líderes das comunidades rurais resurge do turbilhão das atividades para lutar solidariamente na busca de saída para seus problemas para busca de organização comunitária e nessa caminhada descobrem suas potencialidades e avançam no seu autofazer-se, despontando a nível da região do Curimataú como os mais mobilizados em parceria com as líderes da área urbana do município.

**BIBLIOGRAFIA**

ASSUNÇÃO, Maria da. Atuação da mulher - In: Proposta nº 41 - Setembro/89.

BRUMER, Anita. O Sexo da Ocupação. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais nº 08. Vol. 03 - AMPOCS - Outubro/1988.

BRUSCHINI, Cristina. Mulher e Trabalho. In: Nobel - Conselho Estadual da Condição Feminina - 1985.

BARBIERI, Teresita de. Sobre la categoria genero: Una introducción teórico-metodológica. In: Debates en Sociología. nº 18, 1993 - PUC. DES - Lima, PERU.

CARDONA, Omar Dario. Evolución de la Amenaza - La Vulnerabilidad y el Riesgo. In: Los Desastres no son naturales.

CASTRO, Mary Garcia. O conceito de gênero e a análise sobre mulher e trabalho: primeiras notas sobre impasses teóricos. In: CONGRESSO NACIONAL DOS SOCIÓLOGOS - Seminário Americano de Sociologia. São Paulo Agosto/1992.

CASTRO, Mary Garcia. A questão da mulher na força de trabalho. In: Mulher Hoje - Número Especial - Coleção Encontros com a Civilização Brasileira, nº 26 - 1980.

- CHOUSSUDOUSKY, Michel. A Globalização da Pobreza. In: Proposta nº 64. Março/1995.
- ECHENIQUE, Tereza Valdez. MORAGA, Enrique Gomariz. TRABAJO. In: MUJERES LATINO AMERICANAS EN CIFRAS. Santiago (Chile). Fevereiro/1994.
- FONTES, Virgínia. Apontamentos para pensar as formas atuais de exclusão. In: Proposta nº 65 - Junho/1995.
- FONSECA, Cláudia. Trabalhadoras sem Terra: Um estudo de caso do trabalho feminino no campo. In: Mulher Hoje - Número Especial - Coleção Encontros com a Civilização Brasileira, nº 26 - 1980..
- ISABEL, Magda. Sexualidade e Identidade da mulher negra. In: Proposta nº 51 - Novembro/1991.
- KOGAN, Liuba. Genero - Cuerpo - Sexo: Apuntes para una Sociología del cuerpo. In: Debates en Sociologia nº 18 - 1993 / PUC. DES - Lima, PERÚ.
- LUSTOSA, Tânia Quiles de O. - Pobreza e Indicadores Sociais. In: Proposta nº 63 - Dezembro/94.
- MELAMED, Clarice. Anotações sobre o mapa da fome. In: Proposta nº 63 - Dezembro/1994.
- NASCIMENTO, Elimar Pinheiro. Modernidade Ética: um desafio para vencer a lógica perversa da nova exclusão. In: Proposta nº 65 - Junho/1995.



QUARENTELLI, E. L. O que nós deveríamos estudar ?  
Perguntas e sugestões para os pesquisadores sobre o  
conceito de desastres. In: INTERNATIONAL JOURNAL OF  
MASS. EMERGENCIAS AND DISASTERS. March 1987 - Vol.  
05 - nº 01.

SANTANNA, Wania. Reestruturação e Globalização: um  
debate sobre uma perspectiva de gênero. In: Proposta nº  
64 - Março/1995.

SULMONT, Denio. Reflexiones sobre el sentido del trabajo. In:  
Debates en Sociología - nº 15 - Junho/1990. Lima, PERU.